

Qtd	Consumiu	R\$	Qtd	Deu	R\$	Qtd	Trocou	R\$	Qtd	Vendeu	R\$
	Registre aqui o que a sua família utiliza da produção.			Registre aqui o que foi doado a qualquer pessoa..			Registre aqui o produto da sua propriedade que você usou na troca.			Registre aqui o produto que você vendeu.	

ÁRVORE DOS PROBLEMAS E DAS SOLUÇÕES



A árvore dos problemas e das soluções é utilizada para identificar os principais problemas decorrentes do atual modelo de desenvolvimento e os principais impactos sobre as comunidades. Também se busca aprofundar se há impactos diferentes sobre a vida das mulheres, pois é comum sermos vítimas de violência e exploração sexual onde se instalam grandes obras para mineração, hidrelétricas, rodovias ou onde são realizados grandes eventos internacionais como a Copa do Mundo, as Olimpíadas, entre outros.

A árvore dos Problemas está dividida em três partes: a raiz, que representa a origem dos problemas da sociedade; o caule, que representa as estratégias, ou seja, como vamos superar dos problemas; e a copa, que representa os frutos ou os resultados alcançados a partir da transformação da sociedade em um mundo mais justo para todas e todos.



Em grupo as participantes construíram a “árvore dos problemas e das soluções” onde discutiram a respeito 1º dos problemas que afetam nossas vidas em especial as mulheres, escrevendo cada problema em uma cartela, 2º levantar ideias em cada cartela sobre: O que podemos e como fazer para resolver os problemas que estão na raiz? E 3º escrever ideias em cada cartela sobre: O que queremos e onde queremos chegar? Para ser diferente do que temos na raiz. Em seguida, os grupos socializaram em plenária o debate montando a árvore com sua raiz, caule e frutos!

O informativo “Maria vem com as outras” é uma publicação do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata. Endereço: Sítio Alfa-Violeira, Zona Rural, Viçosa/MG – cx.pt 128 CEP: 36570-000 – Tel: (31) 3892 2000 - E-mail: cta@ctazm.org.br / site: www.ctazm.org.br.
 Texto: Solange Aparecida de Oliveira. Arte gráfica: Oswaldo Santana. Revisão: Angélica Almeida e Isaac Barbosa.
 Tiragem: 1000 exemplares.



Rede de
Produtoras
Rurais do
Nordeste



GT Gênero
Grupo de Trabalho em
Gênero e Agroecologia



Esta publicação foi produzida como o apoio da União Europeia. O conteúdo desta publicação é de exclusiva responsabilidade do Centro de Tecnologias Alternativas -CTA-ZM, e não pode, em caso algum, ser tomado como expressão das posições da União Europeia.



Maria vem com as outras

Nº 2 outubro de 2014 – Informativo do Projeto Mulheres e Agroecologia em Rede



O informativo “Maria vem com as outras” é especial para as mulheres do campo, da floresta e da cidade, agricultoras, pescadoras, agroextrativistas, indígenas e educadoras, participantes do Projeto “Mulheres e Agroecologia em Rede”, executado pela Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia (RMERA) e pelo GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). As borboletas da RMERA trazem informações sobre o II módulo do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia (PFFA), realizado em Belém do Pará, entre 24 e 26 de setembro de 2014. Participaram do II módulo do PFFA mulheres dos Estados da Amazônia Legal: Acre, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins.

O “Maria vem com as outras” traz a alma dos conteúdos e debates realizados neste segundo módulo, com os resultados das trocas de saberes, sabores e experiências das participantes. Avança a discussão sobre Feminismo e Agroecologia, priorizando as reflexões sobre a autonomia e a auto-organização das mulheres e de seus grupos produtivos. Os principais temas focados foram a divisão sexual do trabalho, a violência contra a mulher, as dificuldades na comercialização e a participação da mulher na sociedade.



Momento inicial.

Depois das boas-vindas, abraços de reencontros, de cantar e dançar, de fazer troca de presentes falando do significado que a agroecologia tem para suas vidas, cada participante relatou como foi para realizar as oficinas de multiplicação.

O “Maria vem com as outras” ajudou muito na multiplicação, elas apresentaram sobre como foi a mobilização e realização das oficinas socializando as dificuldades e os bons resultados. Trabalharam também com jovens para evitar a saída destes do campo, divulgando a RMERA na Comunidade, levando a proposta de agroecologia para quem ainda não conhece. As participantes já estão se preparando para as próximas oficinas de multiplicação.

Mulheres e Agroecologia: desafios políticos e metodológicos



Trabalhos de grupos

O texto de Carmem Sílvia, da SOS Corpo- Instituto Feminista para a Democracia, foi utilizado para a dinâmica do estudo nos grupos de trabalho. Falar em Feminismo e Agroecologia é não se esquecer dos princípios da agroecologia como modelo de sociedade que se contrapõe a ordem do capitalismo.

A agroecologia questiona e propõe novas práticas e comportamentos, novas relações entre homens e mulheres. Valoriza os conhecimentos tradicionais, que em sua maioria é praticada pelas mulheres, e exige novas políticas públicas que devem trazer mudanças nas bases desiguais da sociedade, principalmente nas que ainda permitem relações de opressão das mulheres. É uma realidade infelizmente comum o relato das agricultoras sobre a desvalorização de seus trabalhos e conhecimentos, a naturalização da violência contra a mulher, a falta de divisão igualitária do trabalho doméstico, o que faz com que as tarefas fiquem totalmente sob a responsabilidade feminina.

A agroecologia vai além do cultivo da roça, da atividade da pesca, do extrativismo, da produção de artesanato. É a prática da agricultura com princípios ecológicos que conserva os recursos naturais e respeita todo tipo de vida no planeta Terra. Cuida e constrói transformações no mundo no âmbito das relações de gênero, raça e etnia, a partir de uma visão cosmopolítica, ética, social, econômica e ambientalmente viável e justa. Neste sentido, o feminismo e o movimento agroecológico trazem para a roda o debate sobre as formas de violência contra a mulher, apontando a necessidade da construção de mudanças, ações e diálogos nesta temática nas comunidades, nos Sindicatos, nas rádios comunitárias, nos grupos e movimentos de mulheres e mistos.



“Sem feminismo não há agroecologia”

Na Agroecologia não tem espaço para nenhum tipo de violência e vamos falar aqui especialmente da violência contra a mulher

Infelizmente a violência é vista como algo natural e são vários os tipos de violência contra a mulher. No dia-a-dia, nos deparamos com vários exemplos nos ditados populares, nas músicas estereotipando a imagem da mulher, no trabalho, na família, na rua, na Igreja, no Partido, enfim, a violência está em todos os espaços. É comum ouvir que ideia de mulher é “ideia de jerico”. Isso é violência que ridiculariza e desvaloriza a mulher. E no debate ficou claro que as trabalhadoras rurais sofrem com grandes índices de violência, têm mais dificuldade que os homens de acesso às políticas públicas, menos oportunidade de ampliar sua renda, de participar das decisões da comunidade, no Sindicato e das decisões em casa por conta dessa estrutura conservadora e machista.

É necessário que o trabalho das mulheres quilombolas, extrativistas, indígenas, trabalhadoras rurais e urbanas, negras seja reconhecido e visibilizado para ter valor no mercado tanto em sua participação social quanto em suas produções. E falando em trabalho o cuidado com a família é importantíssimo que seja dividido com os maridos e filhas(os) as tarefas de casa, pois estas também tomam tempo e se a mulher continuar fazendo só, qual será o tempo dela para outras produções? E esse trabalho de casa, além do apreço sentimental com que cada mulher desenvolve, tem valor econômico?



A auto-organização das mulheres

Os intercâmbios nas propriedades têm o objetivo de promover, visibilizar e valorizar experiências agroecológicas de grupos e Movimentos de Mulheres. A visita deste módulo foi ao Grupo de Mulheres Quilombolas Raízes do Bacuri, no município de Abaetetuba/Pa.

Integrantes do Grupo de Mulheres Raízes do Bacuri

As mulheres quilombolas contaram suas histórias, bem como a importância da organização das mulheres em grupo para fortalecer suas lutas e da comunidade, a solidariedade entre as mulheres, o crescimento pessoal e político e a busca da autonomia econômica. Foram também citadas as dificuldades por falta de políticas públicas para a saúde, educação, transporte, comercialização da produção da comunidade e das mulheres. A percepção das mulheres foi a de que esta não é uma realidade diferente das vivenciadas em outros Estados e comunidades. Os desafios são muitos, mas a força de vontade e a garra também!

As visitantes que já conhecem a Caderneta Agroecológica não perderam a oportunidade de apresentar e falar da importância dela para anotações de suas produções. Foi feita a troca de presentes com produções das próprias agricultoras, o livro com sistematizações de experiências de outros grupos de mulheres na Amazônia e a Caderneta Agroecológica. O grupo visitado presenteou a todas as participantes com saborosos doces de frutas produzidas na comunidade e troca de sementes.

Parabéns ao Grupo de Mulheres Quilombolas Raízes do Bacuri que também está integrado a RMERA!



Rodas de conversa em visita ao Grupo Mulheres Quilombolas Raízes do Bacuri e trocas de presentes e sementes

Além da organização do Grupo, o que também alegrou bastante as visitantes foi a grandiosidade da mata e dos rios, quintais riquíssimos de onde são extraídas frutas e sementes, garantindo o círculo da vida e a segurança alimentar da comunidade. E por fim, a visita finalizou com um maravilhoso passeio no “Poço da Moça” que expressa a beleza natural e cultural desse lugar, que oferece um banho relaxante.



“Poço da Moça”



CADERNETA AGROECOLÓGICA

A Caderneta Agroecológica é muito importante para registrar a produção das mulheres na propriedade, seja para aqueles produtos que geram renda (que são vendidos ou trocados) e até aos que são consumidos pela família. E para aparecer é preciso anotar, senão é esquecido! Queremos que os trabalhos envolvidos nesta produção, além de toda economia que ela gera e a contribuição para a segurança alimentar, sejam visíveis para a família e para a sociedade! Então você que já aprendeu a fazer as anotações na caderneta explique a quem ainda não sabe.